

Santa Joana d'Arc no Brasil : entre santidade católica e tradições de matriz africana

Flavia Aparecida AMARAL¹

Resumo: Investigar o repertório devocional dedicado à Santa Joana d'Arc no Brasil leva-nos a discutir a história do nosso país e sua relação com a fé que o colonizou em meio ao escravismo e a dificuldade de se construir uma identidade nacional. Se, por um lado, a devoção à Joana d'Arc nas paróquias e igrejas está estruturada por certo formalismo ortodoxo, por outro é nas tradições de matriz africana que a santa francesa parece se aproximar de uma espiritualidade mais mística e entusiasta. Nesse artigo pretende-se evidenciar como Santa Joana d'Arc foi acomodada à dinâmica religiosa brasileira e qual o seu papel no esforço da construção de uma identidade nacional que encontra, de forma difusa, no tema do 'patriotismo inspirado' um caminho possível para acessar o coração dos fiéis. Nesse contexto, destaca-se a relevância das tradições de matriz africana, cuja presença e resistência contribuíram para ressignificar figuras do catolicismo europeu, como Joana d'Arc, inserindo-as em sistemas simbólicos próprios e ampliando seu alcance e significado no panorama religioso brasileiro. A pesquisa contribui para trazer novos elementos ao debate em relação às apropriações de personagens históricos da Idade Média, o que, no caso de Joana d'Arc, revela a complexidade da formação identitária religiosa no Brasil.

Palavras-chave: Joana d'Arc, santos católicos no Brasil, devoção popular, tradições de matriz africana

¹ Pós-doutoranda em Psicologia Analítica pela Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ). Pós-doutora em História pela UFMG (2020) e UNICAMP (2018). Doutora (2012) e mestre (2007) em História Social pela USP, graduada em História pela UFMG (2004). Professora de História Antiga e Medieval na UFVJM. Atua nas áreas de História Antiga e Medieval, historiografia, literatura medieval e relações entre História e Psicologia Analítica. Pesquisadora do LEME/USP desde 2008 e membro do grupo Caminhos Junguianos – Laboratório de pesquisa em Psicologia Analítica (USFJ). Diamantina. MG. Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5371-8919>. E-mail: flavia.amaral@ufvjm.edu.br.

Saint Joan of Arc in Brazil: between Catholic holiness and traditions of African origin

Abstract: The investigation about the devotional repertoire dedicated to Saint Joan of Arc in Brazil leads us to reflect on the history of the country and its relationship with the faith that accompanied colonization amid slavery and the challenges of constructing a national identity. While devotion to Joan of Arc in parishes and churches tends to follow a certain orthodox formalism, it is within African-based religious traditions that the French saint appears to draw closer to a more mystical and enthusiastic spirituality. The article aims to highlight how Saint Joan of Arc was incorporated into Brazilian religious dynamics and her role in the broader effort to construct a national identity, which, albeit diffusely, finds in the theme of "inspired patriotism" a symbolic means to resonate with the faithful. In this context, the significance of African-based traditions stands out, as their presence and resistance have contributed to the reinterpretation of European Catholic figures, such as Joan of Arc, by embedding them in local symbolic systems and expanding their reach and meaning within the Brazilian religious landscape. The research contributes to bringing new elements to the debate regarding the appropriations of historical figures from the Middle Ages, which, in the case of Joan of Arc, reveals the complexity of religious identity formation in Brazil.

Keywords: Joan of Arc, Catholic saints in Brazil, popular devotion, traditions of African origin.

Joana d’Arc, uma mulher medieval constantemente mobilizada

Sexta-feira, seis de janeiro de 2012, Domrémy-la-Pucelle. Pela primeira vez em seu mandato, o presidente da França Nicolas Sarkozy preside uma cerimônia oficial em homenagem à Joana d’Arc. Ele se dirigiu a essa pequena cidade para festejar o 600º aniversário da heroína, na casa em que ela nasceu. O episódio causou surpresa, sobretudo porque esse presidente jamais havia participado, ao contrário de seus antecessores — Giscard d’Estaing, François Mitterrand e Jacques Chirac — nem ao menos das tradicionais “Festas Joânicas”, realizadas anualmente em maio, na cidade de Orléans, em comemoração à libertação da cidade por Joana, em 1429.

Sábado, sete de janeiro de 2012, Paris. A “Frente Nacional” lota a *Place des Pyramides* também em comemoração ao aniversário de Joana d’Arc. Decidiram fazer a festa um dia depois da data de nascimento de Joana, certamente para não haver concorrência com a cerimônia presidencial em Domrémy. Jean-Marie Le Pen discursa diante da estátua da Donzela² reafirmando os ideais do seu partido, ainda chamado Frente Nacional à época, e criticando a inédita homenagem de Sarkozy à heroína francesa.

E assim, por no mínimo três semanas, Joana d’Arc se tornou personagem frequente na campanha presidencial francesa de 2012. As provocações entre os presidenciáveis, Marine Le Pen e Nicolas Sarkozy, estampavam as chamadas dos principais veículos de comunicação franceses na mídia escrita e eletrônica³. Acusações de oportunismo e uso indevido da imagem de Joana vinham de todas as partes provocando reações em ambos os candidatos. Os anos que se seguiram a essa disputa

² A própria Joana, em sua vida pública, adota para si a denominação *La Pucelle*, forma que aparecerá em inúmeros documentos desde então. Nas fontes contemporâneas a ela e nos processos, seu nome aparece simplesmente como “Jehanne”, “Jehanne, la Pucelle” ou “Jehanne Darc”. O uso do apóstrofo em seu nome, conforme ficou consagrado — “d’Arc” —, é considerado anacrônico por vários autores, pois, esse caractere só aparece nos nomes das famílias francesas a partir do Renascimento. No entanto, optamos por manter em nosso texto a forma mais adotada em português, Joana d’Arc, usando de forma intercambiante o epíteto “Donzela”. Cf. Warner, 1981.

³ Cf. lemonde.fr/election-presidentielle-2012/article/2012/01/06/sarkozy-celebre-jeanne-d-arc-symbole-de-l-unite-nationale_1626744_1471069.html; acesso em 10 fev. 2022.
<https://www.france24.com/fr/20120107-apres-sarkozy-le-pen-rendent-hommage-jeanne-arc-front-national-pucelle-orleans-symbole-nationalisme-presidentielle-2012>; acesso em 10/02/2022.
<https://www.lefigaro.fr/politique/2012/01/07/01002-20120107ARTFIG00291-jean-marie-le-pen-s-enprend-a-sarkozy-sur-jeanne-d-arc.php>. Acesso em 10 fev. 2022.

trouxeram um discurso não menos inflamado, por parte da extrema direita francesa, relacionando Joana d’Arc às suas pautas xenofóbicas e nacionalistas (Lefranc, 2023).

No entanto, essa mobilização em torno da figura de Joana d’Arc está longe de ser um fenômeno exclusivo da contemporaneidade. A vida da jovem, que ainda criança começara a ouvir vozes lhe revelando a missão de libertar a França dos invasores ingleses, que liderou um exército, coroou o seu rei e teve um destino trágico, sendo queimada viva como herege, parece saída de uma obra literária, mas como bem lembra Colette Beaune “Joana d’Arc é provavelmente, a figura de mulher mais documentada de toda a História.” (Beaune, 2006, p. 15). Toda essa improvável trajetória chamou a atenção ainda antes de sua morte.

Já em 1429 Christine de Pisan, ao compor *Ditié de Jeanne d’Arc*, se mostra maravilhada com os feitos de Joana, chamando-a de “Donzela enviada por Deus”⁴. Durante sua vida Joana aparece também em obras que questionam sua boa fé e conduta como testemunha o *Journal d’un Bourgeois de Paris à la fin de la Guerre de Cent Ans*⁵. Após sua morte surgiram falsas Joanas e rumores sobre sua possível ascendência real (Bouzy, 1999).

A história de Joana foi narrada em muitas obras do chamado “Antigo Regime”, mas só no século XIX se deu o ápice do seu “sucesso editorial”. Nesse período, em que muitos personagens históricos da Idade Média foram associados aos valores nacionais franceses (Amalvi, 2002), ela se tornou figura essencial nas *Histoires de France*. Na segunda metade desse século, a ideia de canonização ganhou grande fôlego a partir da atuação do Monsenhor Dupanloup, então bispo de Orléans. Seus esforços foram bem sucedidos: Joana tornou-se “Beata” em 1909, “Santa” em 1920 e em 1922 ela foi declarada “Segunda Padroeira da França”.

Durante a Segunda Guerra Mundial o governo de Vichy associou Joana d’Arc aos ideais que o sustentavam e em fins do século XX e início do XXI a extrema direita francesa, como explicitado anteriormente, reclama seus “direitos” sobre a heroína. Atualmente contam-se aproximadamente 20 mil estátuas públicas, 800 biografias

⁴ “Tu, Johanne, de bonne heure née, benoist soit cil qui te créa ! **Pucelle de Dieu ordonnée**, en qui le Saint-Esprit réa Sa grant grâce et qui ot et a toute largesse de hault don, N'onc requeste ne te véa que te rendront assez guerdon ?” (Pizan, 1977. 22ª estrofe. Grifo nosso).

⁵ “La dame Jeanne [...] a trompé le peuple, a fait idolâtrer le simple peuple, car par sa fausse hypocrisie, ils la suivaient comme sainte pucelle”. *Journal d’un bourgeois de Paris*, 1990, p. 292.

históricas, 52 filmes, centenas de peças de teatro, romances, músicas, a ópera de Verdi “Giovana d’Arco”, além das obras inacabadas de Tchaikovsky e Ravel (Bouzy, Contamine & Hélyary, 2012). Trata-se de um personagem cuja trajetória interessou às mais diversas áreas, desde a própria História, passando pela Psicologia e Dramaturgia.

Embora Joana d’Arc desperte o interesse de diversos campos do conhecimento e inspire inúmeras obras artísticas, o componente religioso de sua trajetória sempre foi definitivo. Esse aspecto ganhou gigantesca ressonância com a canonização, em 1920: o reconhecimento oficial de sua santidade passou a marcar profundamente as representações futuras da figura de Joana. As produções cinematográficas, históricas ou artísticas, desde então, foram atravessadas pelo peso simbólico da canonização. Além disso, as celebrações em honra à Joana passaram a estar presentes no calendário litúrgico da Igreja Católica, em diversas partes do mundo. Esse fato nos leva a indagar: como esse processo se deu nos países situados fora do continente europeu, sem a experiência histórica da Idade Média? Qual teria sido o impacto, nesses locais, da chegada de uma devoção oficial a uma já reconhecida heroína nacional francesa?

O presente artigo traz esses questionamentos ao contexto brasileiro e tem como objetivo central analisar a configuração da devoção à Santa Joana d’Arc no Brasil. Nosso recorte temporal tem início em 1955, com a inauguração da primeira paróquia dedicada a Joana d’Arc, no estado de São Paulo, e se estende até 2021, abrangendo análises de comemorações realizadas em sua homenagem nesse período⁶. Cabe esclarecer que não se trata de escrutinar todo o repertório devocional dedicado à Santa Joana d’Arc nesse longo período, mas de oferecer um primeiro panorama, já que essa análise é inédita no Brasil. O artigo traz reflexões a partir da escolha de casos que, no nosso entender, permitem delinear as principais temáticas que envolvem essa devoção.

Para isso, em um primeiro momento, realizamos o levantamento do número de paróquias e igrejas no Brasil dedicadas à Joana d’Arc e investigamos o histórico dessas comunidades⁷. Em seguida, analisamos as formas de celebração e as práticas

⁶ Cabe esclarecer que antes do ano de 1955 não foi encontrada nenhuma referência às práticas devocionais relacionadas à Joana d’Arc. Ao longo da 2ª metade do século XX foram fundadas outras paróquias dedicadas a essa santa, porém o levantamento de fontes relacionadas a esse período ainda não foi realizado.

⁷ O levantamento foi realizado cruzando informações das próprias bases de dados oficiais da Igreja Católica, como o Anuário Católico (2018), publicado pela Ceris - CNBB, o site <https://www.cnbb.org.br>.

comemorativas em sua honra, pertencentes ou não às comunidades canonicamente reconhecidas, buscando estabelecer semelhanças e particularidades entre as festividades das quais foi possível obter alguma informação. A partir dessa análise, tornou-se evidente a presença de um elemento significativo no culto a Joana d’Arc no Brasil: a interlocução com tradições religiosas de matriz africana confere à devoção características singulares no contexto nacional.

Joana d’Arc desembarca no Brasil

Antes de aprofundar a análise sobre a presença de Joana d’Arc no cenário religioso brasileiro, é fundamental considerar o contexto anterior à sua canonização. De que modo a Donzela era mencionada no Brasil antes de 1920? Sob que perspectiva sua trajetória fora interpretada? A investigação suscitada por essas questões revelou que um dos primeiros registros iconográficos de Joana d’Arc no país encontra-se no âmbito da produção pictórica oficial do Império, mais especificamente na obra de Pedro Américo.

Joana d’Arc “chega” ao Brasil em meio a um ambiente político que se mobilizava em torno de alguns debates fundamentais. Como incluir o único país monarquista e escravocrata das Américas no rol das nações civilizadas do mundo ocidental? É importante lembrar que a Independência do Brasil fora protagonizada pela própria dinastia portuguesa que nos colonizava e que, ao final desse processo, houve a intenção de construir um Império Brasileiro cujo projeto se iniciava diante de uma enorme contradição: por um lado, o país tinha como horizonte os modelos de estados nacionais que se estruturavam no bojo da corrida imperialista dos Oitocentos; por outro, estava diante de questões sociais internas que o distanciavam enormemente desse propósito, como a estruturação econômica em torno da monocultura escravista. A construção de uma narrativa que objetivava incluir o Brasil na civilização ocidental foi profundamente confrontada pela realidade econômica e social dramaticamente incompatível com a marcha capitalista do século XIX. De que maneira convencer os estrangeiros e mesmo os brasileiros de que as estruturas administrativas, políticas,

além páginas de dioceses e arquidioceses. Utilizamos também informações dos *sites* das paróquias e de seus perfis em redes sociais como *Instagram* e *Facebook*. Ao longo do artigo serão apontadas as referências específicas.

econômicas e sociais do país eram características apropriadas para um Império que almejava ser reconhecido como a maior potência do Cone Sul?

No campo da cultura houve várias iniciativas para compor uma vitrine que tornasse o Brasil um candidato condizente com espaço internacional que o Império almejava ocupar. Uma delas está relacionada ao incentivo da pintura histórica como forma de mobilizar os temas nacionais considerados adequados à formação de um sentimento de unidade que mantivesse os brasileiros ligados à sua desejada origem europeia. Por esse motivo, vários artistas foram patrocinados pelo governo em longas estadias, para aprimorar seus estudos em academias artísticas do Velho Mundo. Esse foi o caso de Pedro Américo. Com o financiamento do Imperador, ele estudou artes plásticas na *École National Supérieure des Beaux-Arts* de Paris, entre 1859 e 1864, onde teve como professor Jean-Auguste-Dominique Ingres (Gomes Júnior, 2019). Ao retornar ao Brasil, tornou-se professor na *Academia Imperial de Belas Artes*, função que exercia nos momentos em que permanecia no Brasil, alternados por longas estadas na Europa, especialmente em Florença. De acordo com o escritor Joaquim Nabuco, pintar na Europa trazia o fundo histórico necessário, que faltava ao Brasil (Nabuco, 1900).

Pedro Américo se tornou um dos principais ícones da dinâmica que procurava constituir uma referência europeia na criação de uma arte histórica nacional. O mesmo autor de uma das telas mais conhecidas pelo povo brasileiro, *O grito do Ipiranga* (1888), foi o responsável pelo desembarque de Joana d'Arc no Brasil. Em 1884, em Florença, ele pintou a tela *Joana d'Arc ouve pela primeira vez a voz que lhe prediz o seu alto destino* (Imagem 1). Trata-se de uma criação que deve ser contextualizada junto a um grupo de outras produções que Américo concluiu em terras europeias com temáticas bíblicas e históricas. Ao lado de Judite, Jacobed e Heloísa, a Joana d'Arc de Pedro Américo compõe um grupo de mulheres fortes, ligadas a acontecimentos relevantes na história cristã e ocidental. Através dos títulos *Judith rende graças a Jeová por ter conseguido livrar sua pátria dos horrores de Holofernes* e *Joana d'Arc ouve pela primeira vez a voz que lhe prediz o seu alto destino* é possível estabelecer uma relação do heroísmo divinamente inspirado em duas mulheres de Deus e defensoras da nação.

Apesar de Oscar Guanabarro identificar esse conjunto de obras de Pedro Américo como “quadros de assunto estrangeiro” (Guanabarro, 1894, p. 2) nada mais

consoante com o Brasil naquele momento do que importar modelos que pudessem inspirar a formação de uma identidade nacional patriótica e voltada às origens judaico-cristãs e europeias. O quadro de Joana d’Arc desembarca no Brasil, juntamente com outras 14 telas de Pedro Américo vindas de Florença para a Exposição Geral de 1884, evento organizado pela *Academia Imperial de Belas Artes*, no Rio de Janeiro. Já era a 7ª vez que Pedro Américo participava do evento e com essas obras, “ele desejava dar provas públicas do seu amor por seu país” (Américo, 1884).

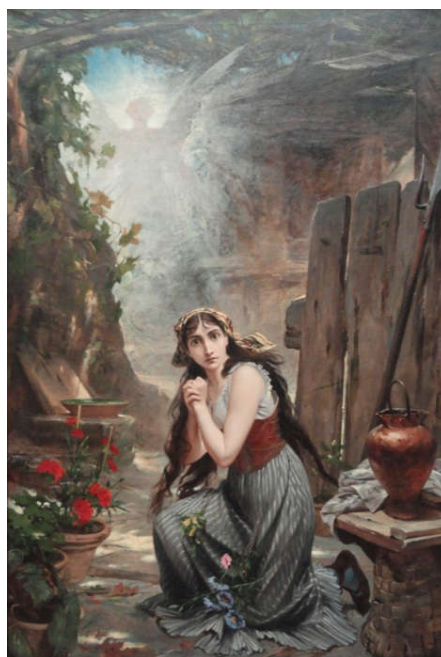


Imagem 1 – Pedro Américo, *Joana d’Arc ouve pela primeira vez a voz que lhe prediz o seu alto destino*, 1883, óleo sobre tela, 229 × 156 cm. Fonte: Acervo do Museu Nacional de Belas Artes, RJ. Disponível em: Wikimedia Commons. Acesso em: 19 jul. 2020.

Reitera-se que esse grupo de telas pintadas em Florença compõe-se de temas históricos e bíblicos. Joana surge como um ponto de intersecção, pois a ênfase do quadro nas vozes ouvidas pela Donzela ressalta o caráter místico que a aproxima das heroínas bíblicas. Ao mesmo tempo, ao trazer esse personagem histórico ao Brasil, Américo contribuía para o propósito que colocava a arte como parte importante do “projeto civilizatório de caráter nacional”. (Gomes Júnior, 2019, p. 3). Segundo o próprio artista, as telas históricas tinham fundamental papel pedagógico na formação dos cidadãos. Ele defendia um projeto educativo através do qual a ignorância do povo

pudesse ser combatida com o conhecimento de sua própria história (Barros, 2006). Para Américo, uma Galeria de Belas Artes, tinha por função não apenas formar o gosto do público, mas também “afervorar o patriotismo”, como afirmou certa vez em discurso no parlamento brasileiro. (Américo, 1892)

A falta de um projeto nacional para o Brasil o angustiava e o modelo nacionalista por ele vivenciado na Europa, parecia ser inspirador. Esse modelo buscava nos heróis do passado, sobretudo a partir de uma idealização romântica do período medieval, as bases para a construção de um patriotismo que pudesse mobilizar os brasileiros no enfrentamento de seus desafios sociais, econômicos e políticos. Nesse sentido, a arte teria uma função educativa e sua Joana d'Arc seria um sopro de inspiração para um país que, aos olhos do artista, encontrava-se imerso em um atraso civilizatório que o fazia ser percebido como rude e primitivo. Pedro Américo, que passava longos períodos trabalhando na Europa, demonstrava admiração pelo sistema educacional daquele continente. Para ele, os museus nacionais deveriam desempenhar uma função pedagógica voltada ao fortalecimento do amor à pátria. Nesse sentido, pintar uma tela de Joana d'Arc e trazê-la ao Brasil constituiu, sem dúvida, uma estratégia de difusão da imagem da heroína e de sua trajetória pautada pelo heroísmo e pelo patriotismo.

Com essa reflexão introdutória, não estamos afirmando categoricamente que o quadro de Pedro Américo foi responsável pelo primeiro contato dos brasileiros com Joana d'Arc. No entanto, sua tela desembarcou no país associada a um modelo nacionalista europeu, forjado na idealização da Idade Média, a ser reproduzido. Certamente, essa tela contribuiu para fixar, a partir da autoridade emanada pelo artista, certa interpretação oficial a respeito de Joana e seus feitos, cujos ecos irão resvalar na sua recepção como santa canonizada pela Igreja Católica.

Da devoção imigrante ao discurso militar

Apesar do Brasil possuir poucas paróquias e igrejas dedicadas à Santa Joana d'Arc⁸, os aspectos devocionais a ela relacionados se revelam em traços surpreendentes. Ligam-se a temas que vão desde a atuação da imigração francesa a elementos constitutivos da nossa própria religiosidade forjada, especialmente, entre a implementação da estrutura tradicional da Igreja Católica e as práticas devocionais de origem africana.

A partir da imagem de heroína nacional canonizada foi construída a mais antiga igreja dedicada a Joana d'Arc no Brasil, obra de um imigrante francês, Alexandre Zirllis, funcionário da *Companhia Química Rhodia Brasileira*⁹, a filial brasileira da *Société Chimique des Usines du Rhône*, mais tarde Grupo *Rhône-Poulenc*. Em 1946 ele doou um terreno para a construção de uma capela na cidade de Santo André, em São Paulo. O bairro, muito afastado do centro urbano à época, recebeu o nome de Vila Vitória, em homenagem aos triunfos de Joana na Guerra dos Cem Anos. A imagem foi trazida da França e a primeira missa, realizada em 28 de setembro de 1947. Só mais tarde, em 29 de maio de 1955, a paróquia foi fundada, recebendo no ano seguinte a visita do bispo auxiliar de Paris, Monsenhor Brounpond: na ocasião ele teria demonstrado enorme satisfação por encontrar uma igreja dedicada à Joana d'Arc no Brasil. Nessa viagem, Brounpond ainda visitou a *Companhia Química Rhodia Brasileira*, e falou em uma importante rádio local para a colônia francesa do estado¹⁰. Do *locus* religioso ao industrial, o trânsito do bispo acionou uma rede atrelada aos interesses da França no Brasil tendo na figura de Joana d'Arc um pano de fundo religioso e cultural simbolicamente importante para a concretização dos acordos entre os dois países. Nessa paróquia, a memória da fundação relacionada à sua origem imigrante é muito celebrada. A quermesse da padroeira, organizada desde os tempos de Alexandre Zirllis, continua sendo uma forte tradição¹¹.

⁸ O Brasil conta com quatro paróquias dedicadas a Santa Joana d'Arc. Além dessas, há outras quatro igrejas e/ou capelas que também a têm como padroeira. Paróquias: São Paulo (SP), Santo André (SP), Teresina (PI) e Jaboatão dos Guararapes (PE). Igrejas, capelas e comunidades: Carapicuíba (SP), Porto Alegre (RS), Arvorezinha (RS), Manaus (AM). Cf.: Anuário Católico (2018), <https://www.cnbb.org.br>, <https://arquisp.org.br/>, <https://psjd.com.br>, <https://www.instagram.com/paroquiasantajoana>, <https://paroquij Joanadarc.com.br>, <https://web.facebook.com/santajoanacapelacristorei>. Acesso em 17 out. 2019.

⁹ Diário Oficial do Estado de São Paulo (DOSP), 31 de Dezembro de 1966.

¹⁰ Cf. <https://psjd.com.br>/acesso em 07 fev. 2020.

¹¹ Cf. <https://psjd.com.br/sobre>. Acesso em: 25 jul. 2021.

Ainda no estado de São Paulo, desta vez na própria capital, temos mais uma paróquia dedicada à Santa Joana d'Arc. Apesar da tentativa de contato, não conseguimos obter informações sobre sua fundação. No entanto, a partir dos conteúdos do *site* e da página do *Facebook* foi possível recolher imagens e postagens referentes a algumas celebrações mais recentes¹². Em 2021, não ocorreram as festividades costumeiras, em função do isolamento social no contexto da Pandemia de Covid-19. Por isso, foi organizada uma carreata que percorreu as ruas nos arredores da igreja com a imagem de Santa Joana d'Arc (Imagem 2). No anúncio da festividade (Imagem 3), feito em uma postagem, as cores da bandeira da França foram projetadas sobre a imagem de Joana.

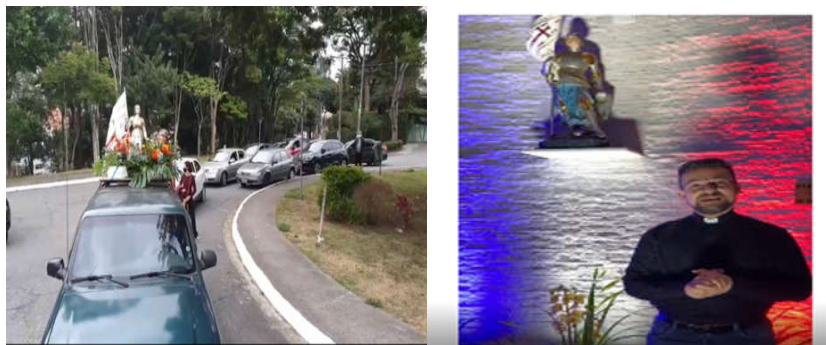


Imagem 2 – Foto da carreata, Paróquia Santa Joana d'Arc, São Paulo.

Fonte: <https://www.facebook.com/santajoanacapelacristorei/videos/228956735329071>

Imagem 3: Convite para a carreata. Fonte: <https://www.psjd.com.br/single-post/carreata-hoje-%C3%A0s-10h-participe>. Acesso em: 04 jul. 2020.

Podemos perceber que, em ambas as paróquias, a memória relacionada ao nacionalismo francês é ativada na construção de um repertório devocional que busca criar uma identidade entre os paroquianos e sua patrona. Além disso, está presente a dimensão heroica da trajetória de Joana d'Arc que é parte constituinte da sua condição de santa, e tem um peso fundamental em seu processo de canonização, como bem debateu Gabriel Hanotaux na *Revue des Deux Mondes*, em 1920. É também a partir desse aspecto que a devoção à Joana d'Arc na Igreja Católica brasileira deve ser compreendida. Como já abordado anteriormente, a tela de Pedro Américo traz o

¹² Site: <https://paroquiajoanadarc.com.br>. Acesso em 04 jul. 2020. Facebook: <https://web.facebook.com/santajoanacapelacristorei> acesso em 04 jul. 2020.

exemplo de Joana como modelo de heroísmo patriótico a ser inspirado em um país que desejava se enquadrar nos padrões da civilização ocidental. Esse fator continuou, certamente, tendo um impacto na recepção de Joana em terras brasileiras após sua canonização. O próximo exemplo devocional apresentado nesse artigo está relacionado exatamente ao papel do herói, agora na condição de guerreiro martirizado, em defesa dos valores patrióticos. Ele vem da Igreja de São Gonçalo Garcia, na cidade de São João del-Rei, MG.

Apesar de nem a igreja, nem a paróquia serem dedicadas a Joana d’Arc, acontece todos os anos, nessa cidade, um tradicional tríduo em homenagem à santa, na última semana do mês de maio. Uma missa campal encerra as festividades, com a presença dos militares da cidade que a consideram sua patrona (Gaio Sobrinho, 2006). Além disso, existem registros de que na comemoração da “Páscoados militares”, no Largo do Rosário, acontecia uma procissão na qual os soldados carregavam a imagem de Santa Joana d’Arc por um longo trajeto¹³.

A própria “Igreja dos militares” (Imagem 4) como é conhecida na região, fica bem próxima ao *11.º Batalhão de Infantaria de Montanha do Exército* brasileiro, destacamento que teve participação efetiva na Segunda Guerra Mundial, e que leva o nome de ‘Regimento Tiradentes’, herói brasileiro republicano, cuja história fora cooptada pelo Exército. Em frente a essa igreja, há uma escultura em honra aos “Pracinhas” brasileiros que lutaram na Segunda Grande Guerra (Imagem 6). Um dado importante é o fato desse monumento ter sido inaugurado em um dos períodos mais violentos da ditadura militar brasileira, com a presença do Marechal Artur Costa e Silva que presidia o Brasil, em 1969. Trata-se de um dos poucos monumentos em solo brasileiro relacionados a guerras e homenageando os combatentes.

É bem significativo todo o contexto bélico vinculado à devoção joânica nessa cidade mineira. Ainda que não saibamos a data em que a igreja recebeu a imagem de Joana d’Arc, o fato da escolha da “Igreja dos militares” como sua morada é bastante significativo. A narrativa histórica de tutela sobre a república que o exército brasileiro construiu e da qual continua a se servir, vale-se também de Santa Joana d’Arc que emerge como parte de uma rede envolvendo a santidade, o martírio, o heroísmo e o

¹³ Cf. <https://folclorevertentes.blogspot.com/2013/11/sao-goncalo-garcia.html>. Acesso em 10 ago. 2020.

patriotismo. Joana é uma peça importante desse verdadeiro “complexo militar” formado pela Igreja e pelos monumentos que são regularmente mobilizados pelas festividades religiosas. (Imagens 4, 5 e 6)



Imagem 4 – Igreja de São Gonçalo Garcia, conhecida como “Igreja dos militares”.

Fonte: <https://folclorevertentes.blogspot.com/2013/11/sao-goncalo-garcia.html>. Acesso em: 10 ago. 2020.

Imagem 5 – Imagem de Joana d'Arc na Igreja de São Gonçalo.

Fonte: <https://folclorevertentes.blogspot.com/2013/11/sao-goncalo-garcia.html>. Acesso em: 10 ago. 2020.

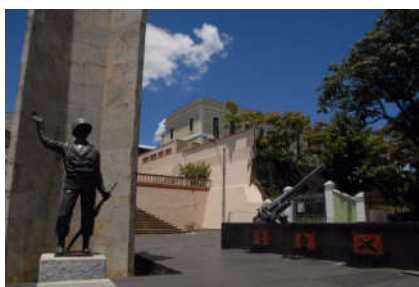


Imagem 6 – Monumento aos pracinhas, em frente à Igreja São Gonçalo Garcia.

Fonte:

<https://folclorevertentes.blogspot.com/2013/11/sao-goncalo-garcia.html>. Acesso em: 10 ago. 2020.

Na mesma cidade há um importante registro ligado à santidade de Joana d'Arc. Trata-se da atuação de um grupo percussionista de “moçambique bate-paus”¹⁴, muito atuante na década de 1990, denominado “Mãe Joana d'Arc.” Esse grupo, a respeito do qual não foi possível obter mais informações, era ligado a um terreiro, de mesmo nome, no qual havia práticas relacionadas à tradições religiosas afro-brasileiras, como a Umbanda.

¹⁴ Informação do periódico *O Correio*. São João del-Rei, n.859, acervo da *Biblioteca Municipal Baptista Caetano d'Almeida*. Cf. também <https://folclorevertentes.blogspot.com/search?q=joana>. Acesso em 20 jul. 2023.

Na cidade de Sete Lagoas, também em Minas Gerais, uma festa da Guarda do Congo, leva o nome de Santa Joana d'Arc. Trata-se, da mesma forma, de uma prática afro-brasileira que se mescla às festividades católicas em importantes celebrações, desde o período colonial. A seguir, aprofundaremos a análise sobre a presença de Joana d'Arc nessas tradições religiosas.

Joana d'Arc e seu rei negro

É nas tradições de matriz africana que a santa francesa parece se aproximar de uma espiritualidade mais mística e entusiasta em terras brasileiras. Na Umbanda, Joana d'Arc é associada à Orixá guerreira, Obá (Imagem 7). De acordo com essa tradição, ela é filha de dois dos principais orixás, Oxalá e Iemanjá, sendo considerada a senhora das águas doces revoltas e controladora das enchentes. A relação é explicada da seguinte maneira, pelos adeptos da religião:

A força da Orixá é motivo para o seu sincretismo com a figura católica. Assim como Obá, Joana D'Arc é reconhecida por ser uma guerreira. Tanto a natureza bélica, quanto os traços masculinizados são características comuns entre ambas. Além disso, as duas entidades são homenageadas no dia 30 de maio.

A força física e a prontidão para a guerra, características associadas a Obá, estão relacionadas ao poder feminino relacionado à luta, habilidade temida por todos os Orixás. De acordo com os seus devotos ela é capaz de derrotar qualquer um em defesa de uma disputa honesta e por isso ela é representada com uma espada e escudo na mão, sempre disposta a defender o que é justo e certo¹⁵.

¹⁵ Cf. <https://tungracas.wordpress.com/2020/05/26/santa-joana-darc-e-oba-a-orixa-guerreira-e-senhora-do-conhecimento>. Acesso em 20 mar. 2025.



Imagem 7 – Representação de Obá e Joana d’Arc, elaborada pelos seus devotos.

Fonte: <https://www.raizesespirituais.com.br/30-maio-dia-de-oba-joana-darc/>. Acesso em: 24 abr. 2020.

Encontrar informações a respeito dessa associação é um desafio complexo. O fenômeno relacionado à analogia entre os santos católicos e os orixás se dissemina, sobretudo, na oralidade, por isso é difícil localizar temporalmente quando se deu o início da relação entre Obá e Joana d’Arc. O que torna os registros dessa memória ainda mais raros é o fato das tradições afro-brasileiras serem, historicamente, alvos de preconceito e perseguição, inclusive por parte do Estado.

É fundamental ressaltar que o fenômeno conhecido como “sincretismo religioso” suscita importantes debates no meio acadêmico brasileiro. A própria utilização do termo é alvo de críticas pela historiografia especializada. Autores como Luiz Antônio Simas, Sérgio Ferreti, Reginaldo Prandi e Beatriz Góis Dantas vêm trazendo importantes reflexões sobre o uso do conceito. Simas (2019) critica a ideia de sincretismo como algo passivo ou imposto, propondo em seu lugar a noção de uma “tecnologia de sobrevivência” que revela o protagonismo e a criatividade das comunidades afro-brasileiras diante da violência colonial. Já Reginaldo Prandi (2002) destaca que o termo sincretismo, muitas vezes tratado como fusão harmoniosa, esconde tensões e assimetrias de poder entre as tradições religiosas envolvidas, além de reforçar uma leitura simplificadora da complexidade das práticas de matriz africana. Beatriz Dantas (2002) por sua vez, problematiza o uso tradicional do termo ao mostrar que ele foi usado historicamente para minimizar ou diluir a autonomia das religiões afro-brasileiras, tratando-as como derivadas do catolicismo ou como “misturas” desorganizadas. A

crítica de Ferreti (2013) vai na mesma direção, apontando que o termo contribui para a ideia de diluição cultural; ele propõe a reinterpretação do sincretismo como estratégia de resistência e adaptação cultural.

No caso da aproximação entre Obá e Joana d’Arc - ambas mulheres guerreiras, dotadas de traços de coragem e enfrentamento do poder - é possível ver mais do que um simples sincretismo litúrgico ou iconográfico: trata-se de um processo de reinterpretação simbólica e política, na qual se articulam estratégias de resistência, reconhecimento e ressignificação. Ao invés de entendê-la como diluição, esse tipo de analogia revela o dinamismo da religiosidade afro-brasileira e sua capacidade de construir pontes simbólicas com elementos da tradição ocidental, não como submissão, mas como reinvenção e afirmação identitária.

Em relação às congadas, encontramos uma importante celebração na cidade de Sete Lagoas, conforme já dissemos, onde acontece a “Festa da Guarda de Congo Santa Joana d’Arc” (Imagens 8, 9 e 10). As festas de Congado são muito comuns e populares no Brasil, sendo que seus primeiros registros remontam ao século XVII (Ferraz, 2015). A celebração recria, de forma teatral e musicalizada, a coroação do rei do Congo e da Rainha da Angola, na presença de uma corte real e de seus vassalos. Há um cortejo, com canções tradicionais desses grupos associados ao(s) santo(a) homenageado (a) na ocasião, acompanhadas de danças que simulam lutas de espada performadas pela “guarda real”.





Imagens 8, 9 e 10 – Fotos da Festa da Guarda de Congo Santa Joana d’Arc, Sete Lagoas, MG, 2012.
Fonte: <https://www.daltonandrade.com/festa-da-guarda-santa-joana-darc/#jp-carousel-1085>. Acesso em: 19 maio 2020.

Nesse cortejo, junto à Joana, seguem as imagens de outros santos, como Nossa Senhora Aparecida, São Benedito, e Santa Efigênia, todos negros e tradicionalmente venerados pelos grupos de congado. Na semana anterior à festa de Santa Joana d’Arc, por volta do dia 20 de maio de cada ano, tem início a novena na capela de São José, finalizada com a procissão, que é acompanhada por pessoas a pé, a cavalo ou em carros. Ao ritmo dos tambores da Guarda de Santa Joana d’Arc são entoadas as músicas como a que se segue:

“Santa Joana d’Arc
é a nossa protetora.
na luta contra o mal,
nós seremos vencedores.

Povo de guerra, lá vai
Povo de guerra vai,
Marinheiro que mora na praia
Povo de guerra, lá vai.” (Garone, 2008, p. 159)

A Igreja Católica sempre teve uma relação conflituosa com os Congados e se, nas últimas décadas, algumas concessões foram feitas, o convívio ainda é hesitante. Em meados do século XX a visão eclesiástica geral era a de que o Congado representava uma manifestação da barbárie, com desregramento moral e abusos de álcool e comida.

Em publicação do *Jornal Gazeta de Minas*, de 1956, encontramos a seguinte opinião de um colunista: “Já não estamos mais na África e a senzala já se acabou!... Será que os tais estão com saudades da escravidão?”¹⁶

A partir da década de 1960 há registros de celebrações das “missas congas”, que contavam com a participação desses grupos, no entanto elas não poderiam ser realizadas dentro da igreja, mas em um palanque, do lado de fora. Durante os anos 90 houve uma maior abertura, com o incentivo de párocos locais, em diferentes cidades brasileiras, que permitiam a entrada das guardas nas igrejas durante as celebrações e missas, muitas vezes precedida de um canto e dança especificamente realizados como pedido de autorização (Ferraz, 2015). Essa prática se estende até os dias atuais, e não há nenhuma orientação formal sobre o tema, ficando a interação com as guardas de Congo a critério de cada pároco.

A presença de Joana d’Arc nessa importante festividade brasileira evidencia o forte apelo popular de sua trajetória histórica, especialmente por estar associada a uma noção difusa de combate ao mal — ideia que ganha novos contornos no contexto das lutas travadas pelos afrodescendentes em busca do reconhecimento de sua dignidade.

Reflexões finais

A devoção à Santa Joana d’Arc no Brasil se acomodou às nossas tradições religiosas, orbitando em torno da liturgia católica tradicional e das manifestações de matriz africana. Na paróquia da cidade de Santo André (SP) o culto se volta à memória da imigração, sendo realizado em rituais ortodoxos, com abundantes referências à origem europeia da santa.

Na paróquia da cidade de São Paulo, o aspecto visual da igreja impacta pelas referências à Idade Média a partir da existência dos arcos ogivais, rosácea e vitrais. Outra presença marcante são as bandeiras da França, da Grã Bretanha, do Brasil e do

¹⁶ *Gazeta de Minas*, 17, nº 322, 2 de setembro de 1956, p. 3. Em 29 de setembro de 1957, no mesmo jornal: “Está sendo preparada a festa do Congo com cantorias e dansas africanas, devidamente licenciadas pela polícia. Se fosse festa religiosa, é claro, a licença seria eclesiástica. A festa do Congo é inteiramente profana, depende da polícia, uma festa como o carnaval”. E em 28 de setembro de 1958: “Não há aprovação eclesiástica. A paróquia não toma conhecimento e quem chefia, infelizmente é quem menos autoridade moral possui para uma festa popular que os católicos possam aprovar”. (*Gazeta de Minas* ano LXX, nº 375, 29 de setembro de 1957, p.1).

Vaticano (Imagem 11). O posicionamento das bandeiras reforça a ainda constante busca do nosso do país por ocupar um lugar no que acredita ser a civilização ocidental europeia dando, ao mesmo tempo, um caráter oficial ao culto canônico e legítimo de Joana d'Arc, que deveria estar sempre tutelado pela Igreja Católica.



Imagem 11: Foto de celebração na igreja da Paróquia Santa Joana d'Arc, em São Paulo. Fonte: <https://www.instagram.com/santajoanacapelacristorei>. Acesso em: 15 jul. 2021

As fotos da festa de 2018 (Imagem 12) mostram a procissão com a imagem da santa sendo carregada por um grupo de jovens pertencentes à organização “Arautos do Evangelho”, associação tradicionalista, de extrema direita, ligada à ala conservadora da Igreja Católica e oriunda da *Sociedade de Defesa da Tradição, Família e Propriedade* (TFP). A indumentária dos membros desse grupo, sejam homens ou mulheres, traz referências estereotipadas à cavalaria medieval, especialmente à Ordem Templária. Nessa foto temos uma analogia entre as “guerreiras defensoras da palavra de Deus” e a “guerreira francesa enviada por Deus”, cujas causas, seriam, supostamente, complementares. A associação entre as pautas da extrema direita com Santa Joana d'Arc no Brasil, aliás, também é contundente em vídeos disponibilizados em canais católicos do Youtube como *Canção Nova* e *Flos Camelis*¹⁷, nos quais o discurso

¹⁷ <https://www.arautos.org/vida-dos-santos/santa-joana-darc-a-vmrgem-heroica-143592>; Acesso em 15 jul. 2020. <https://www.youtube.com/watch?v=3eDseeD0bps>; Acesso em 15 jul. 2020. <https://www.floscarmeliedicoes.com.br/joana-darc?srltid=AfmBOoqB9TGmjtW0aPSUyIruSFBXiJ6qeY-P11itAqU96oIa8VanaH5f>; <https://formacao.cancaonova.com/igreja/historia-da-igreja/importancia-de-joana-darc-para-humanidade/> Acesso em 18 jul. 2020.

anticomunista e antifeminista compõem a retórica devocional aliados à interpretação de que Joana, ao expulsar os ingleses, teria livrado a França de se tornar, no futuro, um país protestante. Na interpretação desses grupos, Joana d’Arc poderia inspirar o Brasil na luta contra os inimigos da pátria católica: os comunistas, as feministas e os evangélicos. Temos aqui, obviamente, uma reverberação nas terras brasileiras, do fenômeno de associação de pautas conservadoras à imagem de Joana, que pode ser identificado em várias partes do mundo.



Imagem 12 – Foto da procissão com Arautos do Evangelho.

Fonte: <https://web.facebook.com/santajoanacapelacristorei>. Acesso em: 04 jul. 2021

No caso da cidade de São João del-Rei, o aspecto bélico das festividades que envolvem Joana d’Arc acabam reforçando sua condição de modelo para os militares, sendo uma referência cristã de disciplina e amor à pátria, algo temerário para um país que poucas vezes esteve livre dos fantasmas do autoritarismo. Essa perspectiva não deixa de estar associada a todo o repertório devocional que relaciona a imagem de Joana às pautas da extrema direita brasileira.

Nas tradições de origem africana, a devoção à Joana d’Arc se afasta consideravelmente do aspecto patriótico. Na Umbanda, Joana assume aspectos de Deusa que luta em nome da justiça que Ela mesma pretende implantar e defender; tornou-se “Mãe” no terreiro, em São João del-Rei. Relaciona-se ainda à figura arquetípica da guerreira feminina que defende o interesse dos seus protegidos. No Congado, junto a santos negros, ela compõe a guarda de um rei também negro, na festa em que ele será coroado, uma festa na qual se entoa cantos de guerra dos afrodescendentes brasileiros.

A análise das práticas devocionais em relação à Santa Joana d’Arc no Brasil proposta nesse artigo, nos dá muitos indícios de que essa veneração está associada a uma reinterpretação do seu papel de guerreira que se mobiliza ora pela nação, ora em defesa do cristianismo e, no caso do Congado, em defesa de um rei considerado legítimo. Uma breve análise do público devoto permite perceber o deslocamento de sua imagem como santa heroína representante das virtudes brancas e elitistas, para a de santa que se une, a partir do fenômeno sincrético, à luta dos negros e mestiços brasileiros pelo reconhecimento de sua memória a partir da coroação de seu legítimo soberano idealizado, o Rei do Congo. A experiência brasileira em relação à Santa Joana d’Arc revelou, a partir desses exemplos, que sua imagem é apropriada em uma trama complexa de tensões ideológicas tanto no campo religioso, quanto político.

Consideramos que este estudo oferece contribuições originais, levando a uma ampliação do nosso repertório analítico em relação à pluralidade de sentidos que uma figura histórica medieval como Joana d’Arc é capaz de suscitar. Qualquer investigação a seu respeito exige necessariamente o exame dos múltiplos contextos políticos, sociais e culturais que a ressignificaram como defensora da monarquia, representante do Terceiro Estado, heroína nacional e santa canonizada. A presença de Joana d’Arc nas práticas devocionais brasileiras, sobretudo as de matriz africana, introduz uma nova dimensão a esse debate revelando camadas simbólicas ainda pouco exploradas. Esse artigo oferece um ponto de partida para o aprofundamento nesse necessário debate.

Referências

- Amalvi, Christian. *Le goût du Moyen Âge*. Paris: La Boutique de L’Histoire, 2002.
- Américo, Pedro. Carta ao diretor da Academia Imperial de Belas Artes, Florença, 10 abr. 1884. Arquivos privados do Monsenhor Rui Vieira. Areia, PB. In: Zaccara, Madalena de Fátima Pereira. *Pedro Américo e a pintura histórica: o projeto de uma nacionalidade*. São Paulo: Alameda, 2011. p. 139.
- Américo de Figueiredo e Melo, Pedro. Discursos parlamentares. In: *Anais da Câmara Federal*. Brasília: Editora da Câmara Federal, 1980. Sessão de 18 jul. 1892. p. 369–371.
- Barros, Francisca Argentina Gois. *A arte como princípio educativo: uma nova leitura biográfica de Pedro Américo de Figueiredo e Melo*. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.
- Bouzy, Olivier. *Jeanne d’Arc, mythes et réalités*. Paris: Atelier de l’Archer, nov. 1999.

- Bouzy, Olivier, Contamine, Philippe. & Hélyar, Xavier. *Jeanne d'Arc: Histoire et dictionnaire*. Bouquins, 2012.
- Ceris – Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais. *Anuário católico do Brasil*. Brasília: Edições CNBB, 2018.
- Ferraz, Dandara de Jesus. *Congado mineiro: uma festa de resistência e ancestralidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.
- Ferretti, Sérgio. *Repensando o sincretismo*. São Paulo: Edusp, 2013.
- Gaio Sobrinho, Antônio. *São João del-Rei: 300 anos de histórias*. São João del-Rei: [s.n.], 2006.
- Garone, Taís Diniz. *Uma poética da mediação: história, mito e ritual no Congado setelagoano – MG*. 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- Gazeta de Minas. Ano LXX, n. 375, 29 set. 1957.
- Gomes Júnior, Guilherme Simões. *Viver de arte entre Brasil e Europa: o esquema Pedro Américo*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 34, n. 100, p. 1–24, 2019.
- Guanabarrino, Oscar. Artes e artistas. In: *O Paiz*, Rio de Janeiro, 1894.
- Lefranc, Martin. “Les Fêtes de Jeanne d’Arc à Orléans de 1989 à 2023 : un enjeu mémoriel et politique”. *Histoire Politique*, n. 50, 2023. URL: <http://journals.openedition.org/histoirepolitique/14433>. Acesso em 8 jun. 2025.
- Mas, Elsa. Procès de canonisation de Jeanne d’Arc, 1909–1920. *Bulletin*, n. 22, 1998. p. 51–79.
- Nabuco, Joaquim. *Minha formação*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1900.
- Pisan, Christine de. *Ditié de Jehanne d’Arc*. Ed. Angus J. Kennedy; Kenneth Varty. Oxford: Society for the Study of Mediaeval Languages and Literature, 1977. 22ª estrofe.
- Prandi, Reginaldo. Sincretismo, mestiçagem e identidade religiosa no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n. 53, p. 70–89, mar./maio 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13759>. Acesso em: 20 jul. 2025.
- Simas, Luiz Antônio. *O corpo encantado das ruas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.



Os direitos de licenciamento utilizados pela Revista Histórias Públicas é a licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)

Recebido em: 29/07/2025
Aprovado em: 07/02/2026